



Antónia Fialho Conde, Olga Magalhães e António Camões Gouveia (dir.)

O Claustro e o Século Espaços, Fronteiras e Identidades

Publicações do Cidehus

A implantação e a instalação do conjunto arquitetónico de Valverde e a sua relação com a condução e o uso da água

Antónia Fialho Conde, Olga Magalhães, Madalena Moreira, Sylvie Claro,
Francisco Brito e Ivo Santos

DOI: 10.4000/books.cidehus.10107
Editora: Publicações do Cidehus
Lugar de edição: Évora
Ano de edição: 2020
Online desde: 18 março 2020
coleção: Biblioteca - Estudos & Colóquios
ISBN eletrónico: 9791036557927



<http://books.openedition.org>

Referência eletrónica

CONDE, Antónia Fialho ; et al. *A implantação e a instalação do conjunto arquitetónico de Valverde e a sua relação com a condução e o uso da água* In : *O Claustro e o Século : Espaços, Fronteiras e Identidades* [en ligne]. Évora : Publicações do Cidehus, 2020 (généré le 30 mars 2020). Disponible sur Internet : <http://books.openedition.org/cidehus/10107>. ISBN : 9791036557927. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.10107>.

A implantação e a instalação do conjunto arquitetónico de Valverde e a sua relação com a condução e o uso da água

Antónia Fialho Conde*, **Olga Magalhães****, **Madalena Moreira*****, **Sylvie Claro******,
Francisco Brito*****, **Ivo Santos*******

Resumo

A capela e o claustro do Convento do Bom Jesus de Valverde (fundado pelo Cardeal D. Henrique em 1540) foram classificados em 1962 pelo Estado português como Imóveis de Interesse Público, classificação alargada por homologação ministerial em 2003 à Quinta e ao Paço (o Paço é anterior ao convento, iniciado em finais do século XV), processo este paralelo ao do reconhecimento de uma Zona Especial de Proteção de todo o conjunto.

Pertença da Mitra eborense, ao arcebispo D. Frei Domingos de Gusmão (1678-1689) se devem grandes obras de renovação da Quinta e do Paço, nomeadamente em termos de estruturas hidráulicas, onde se enquadra o Aqueduto, que ostenta as suas armas. Com o intuito de melhorar a qualidade da água fornecida aos religiosos, aos ocupantes do Paço e para os serviços da Quinta, procurando beneficiar jardins, hortas e pomares, espaços de silêncio e meditação, o Aqueduto, comportando diversos canos com origem em pontos de captação distintos, surge como coluna vertebral do sistema. É o eixo de várias estruturas anexas (Engenho do Gato, Casa da Água, tanques) de uma complexidade notável, simbolizando a importância da água neste conjunto patrimonial, hoje propriedade da Universidade de Évora, e com características únicas no contexto peninsular. O presente texto resulta de uma primeira apresentação de um trabalho multidisciplinar que se tem vindo a desenvolver e cujo propósito primacial é a criação de materiais pedagógicos originais sobre este conjunto patrimonial, o Paço, a quinta e o convento de Valverde, a partir do cruzamento de fontes primárias e secundárias, bem assim como

* Departamento de História da Universidade de Évora/CIDEHUS, mconde@uevora.pt

** Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora/CIDEHUS, omsm@uevora.pt

*** Departamento de Engenharia Rural. Herdade da Mitra, mmvmv@uevora.pt

**** Mestranda da Universidade de Évora – Mestrado Integrado em Arquitetura pela Universidade de Évora, sylvie.claro@gmail.com

***** CIDEHUS – Universidade de Évora; Mestrando da Universidade de Évora – Mestrado Integrado em Arquitetura pela Universidade de Évora, fbrito@uevora.pt

***** CIDEHUS- Universidade de Évora, ifs@uevora.pt

de estudos e monografias mais recentes, a que se aliaram peças desenhadas e outros meios de leitura no terreno, nomeadamente a fotografia e a fotografia aérea.

Palavras-chave: Convento do Bom Jesus de Valverde, 1540, aqueduto, estruturas hidráulicas, abordagem multidisciplinar

Abstract

The chapel and cloister of the *Bom Jesus de Valverde* Convent (founded by Cardinal D. Henrique in 1540) were classified in 1962 by the Portuguese State as *Imóveis de Interesse Público* (portuguese classification for listed building). This classification was extended by ministerial approval in 2003 to *Quinta* and *Paço* areas (Paço has been built prior to the convent, which began in the late 15th century), process which is parallel to the recognition of a Special Protection Zone for the whole ensemble. Belonging to the *Mitra of Évora*, the Archbishop D. Frei Domingos de Gusmão (1678-1689) promotes major renovation works of the *Quinta* and the Palace, namely in terms of hydraulic structures, which includes the Aqueduct that displays its weapons. In order to improve the quality of the water supplied to the occupants and its users the Aqueduct arises as the backbone of the system. The Aqueduct benefits the Palace, services of the *Quinta*, gardens, orchards, silence and meditation areas, also comprises several pipes coming from distinct source points. It is the axis of several attached structures (*Engenho do Gato*, *Casa da Água*, tanks) of a remarkable complexity, symbolizing the importance of the water in this heritage complex, nowadays owned by the University of Évora and with unique characteristics in the Iberian peninsula context. This text is the result of a first multidisciplinary presentation work that has been developed and whose primary purpose is the creation of original pedagogical materials about this heritage site, the Palace, the *Quinta* and the Valverde Convent, from the linking of primary and secondary sources, as well as more recent studies and monographs, to which drawings and other means of reading on the field have been combined, such as photography and aerial photography.

Keywords: Bom Jesus de Valverde Convent, 1540, aqueduct, hydraulic structures, multidisciplinary approach

Figura 1 - O conjunto arquitetónico de Valverde – Convento do Bom Jesus, Paço e Quinta e as infraestruturas de captação e condução da água. Vista aérea



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Introdução

A capela e o claustro do Convento do Bom Jesus de Valverde foram classificados como Imóveis de Interesse Público pelo Decreto n.º 44452 do Diário do Governo n.º 152 de 5 de julho de 1962. A Portaria n.º 79/2010, DR, 2.ª série, n.º 17, de 26-01-2010, Art.º 1, alargou a classificação

(...) à Quinta do Paço de Valverde, sita na Herdade da Mitra, freguesia de Nossa Senhora da Tourega, concelho e distrito de Évora, bem como à mata, várias pequenas capelas, Jardim de Jericó e lago, aqueduto, edificado no século XVII, todo o sistema hídrico, casa da água, jardim de buxo, horta e todos os muros e muretes que dividem e estruturam o sítio, enquanto parte integrante do convento, capela e claustro.

É sobre o sistema hidráulico deste conjunto, atualmente integrado numa das unidades científico-pedagógicas da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora (com uma das herdades experimentais da Universidade, laboratórios, hospital veterinário, Centro de Investigação, biblioteca, salas de aula), que se debruçará o presente artigo, assente numa perspectiva multidisciplinar.

Os Arcebispos de Évora e as intervenções no Paço de Valverde e no convento do Bom Jesus de Valverde

Terá sido no exercício do cargo de D. Afonso (II) de Portugal enquanto bispo de Évora, entre 1485 e 1522, que foi fundado, junto à ribeira de Valverde, um local para

descanso dos prelados eborenses. Segundo André de Resende, ao tempo do também bispo de Évora, o cardeal D. Afonso, sucedâneo do que mencionámos e irmão do Cardeal D. Henrique, 1º arcebispo de Évora, existiria já a quinta de Valverde. De facto, em 1538, Álvaro Anes, mestre de obras, executava no paço certa empreitada que lhe fora atribuída pelo bispado.

O convento de Valverde foi fundado já pelo cardeal D. Henrique em 1544 e, segundo algumas fontes (P. Fonseca, P. Fialho¹), de acordo com projeto de sua autoria. Os religiosos nele habitaram 63 anos, mas devido à falta de salubridade do lugar (maus ares, pegos insalubres no verão), os religiosos abandonaram em 1607 o pequeno convento, titular da guardiania em Portugal, e só depois de se melhorar a qualidade da água da ribeira² os religiosos voltaram, já em 1610. D. José de Melo fez com que

(...) ao convento de Valverde se restituísse a ser Guardiania como o fora no tempo do Cardeal Rey título que perdera com as mudanças; alcançou-o no capítulo celebrado aqui em Santo António em 1614 e em Guardiania persevera afeição que tinha aos ditos Religiosos, afeição também á quinta que com particular cuidado cultivava quase que a fez de novo, renovou pomares e jardins e fontes. (...)³.

D. José de Melo (arcebispo de Évora entre 1611 e 1633) terá renovado quase toda a quinta, como comprovam algumas despesas, como em 1612, em 300 telhas⁴.

A 7 de novembro de 1644, sendo Évora sede vacante⁵, é referido que, no Cabido, se concluíra que para poder tratar das obras no Paço de Valverde lá se deveria ir pessoalmente; dois anos depois, em 1646, o Cabido dá licença para que Pedro Álvares Correia fizesse um forno de cal, e o mais necessário, indicando campanha de obras⁶.

Em 1656, ainda sede vacante, o Deão foi autorizado pelo Cabido a mandar consertar os canos da água e os telhados do conjunto⁷, e em junho de 1657 o mesmo Cabido mandou pagar ao Deão o dinheiro que ele gastara nas obras dos arcos e canos do aqueduto: “(...) e se lhe pague o custo nos canos de Valverde e que o senhor dom

1 P. Manuel Fialho. [17--?]. *Evora Illustrada*, T. II, 3ª parte; Fonseca, P. Francisco da. (1728). *Évora Gloriosa*.

2 P. Francisco da Fonseca. (1728). Pequena História da Herdade da Mitra. *Évora Gloriosa*, p.4. Biblioteca Pública de Évora (B.P.E.), C. 10724.

3 P. Manuel Fialho, *Evora Illustrada*, T. II, 3ª parte, f. 285.

4 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 13-XVI, "Livro das Lembranças (1609-1613)", fl.155 v.

5 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 13-XXVII, "Livro dos Acordos (1644 - 1659)", fl. 51 v. Entre 1643 e 1671 o arcebispado viveu uma situação de sede vacante, já que D. Pedro de Lencastre (5º Duque de Aveiro), que fora bispo da Guarda e depois arcebispo de Braga, não foi confirmado pelo Papa.

6 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 13-XXVIII, "Livro dos Acordos (1646-1652)", fl. 33.

7 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-I, "Livro 29 dos Acordos (1652-1663)", fl. 112 v.

Virissimo nos fassa merse de mandar leuantar os arcos que cairão e consertar os canos, e o mais necessario. (...)”⁸. O mesmo Cabido mandou, em agosto de 1658, continuar as obras de acordo com as indicações dos pedreiros:

(....) que uista a informação dos Mestres pedreiros que forão a ualuerde se assentou se consertassem os canos e os telhados das Casas, e o senhor Diogo Tauares se conçerte com Jacinto Nunes pera fazer a dita obra e juntamente se conçertem os tanques. (...)”⁹,

mandando, poucos dias depois, ainda a 29 de agosto de 1658, pagar 100.000 réis a Diogo Tavares para avançar com a obra¹⁰, e mais 100.000 réis a 24 de setembro de 1658¹¹. Em junho de 1659 o Cabido solicitou ainda que Gaspar Pereira Godinho e Vicente Rígio Coutinho fossem a Valverde com o cónego Diogo Tavares de Mascarenhas verificar as obras necessárias a efetuar na quinta, e o oficial para delas tomar conta¹². Em 1670, o Cabido acordou com o citado cónego que este consertaria os canos da quinta por conta dos 20.000 réis que nela pagava, e que o Cabido consertaria a nora¹³.

Em 1670 solicita-se em Cabido que Manuel Severim de Faria faça em Santo António de Valverde as obras que eram necessárias¹⁴ e que os frades solicitavam¹⁵.

A associação entre nomes de arcebispos e obras em Valverde só nos surge novamente com D. Fr. Domingos de Gusmão (arcebispo de Évora entre 1678-1689). Este arcebispo era filho bastardo do 9º duque de Medina Sidónia, 7º marquês de Casaza, 13º conde de Niebla e 14º senhor de San Lucar; era ainda sobrinho paterno de D. Luísa de Gusmão, mulher de D. João IV. O seu brasão de armas representa as suas origens aristocráticas, a que juntam as insígnias episcopais. A ele se deve a renovação da quinta e do paço de Valverde, que acrescentou com grandes obras, nomeadamente em termos hidráulicos:

(...) Do illustrissimo D. Fr. Domingos de Gusmão foi particular o amor e benevolencia com que tratava aos Religiosos da Provincia, indaval [sic] o cuidado com que provia de tudo o necessario aos religiosos de Valverde, assim sãos como enfermos, sem reparar em dispendios; a quinta a que elle restituiu ao seu antigo estado em grande parte como são a espaçosa cerca, tapada, povoada de gado silvestre, sumptuosas casas, **formoso lago, e vistosos arcos que de competente distancia trazem em abundancia agua para**

8 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-I, "Livro 29 dos Acordos (1652-1663)", fl. 137.

9 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-I, "Livro 29 dos Acordos (1652-1663)", fl. 163.

10 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-I, "Livro 29 dos Acordos (1652-1663)", fl. 163.

11 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-I, "Livro 29 dos Acordos (1652-1663)", fl. 164 v.

12 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-I, "Livro 29 dos Acordos (1652-1663)", fl. 184 v.

13 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-III, "Livro 31 dos Acordos (1667-1678)", fl. 67.

14 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 13-XXVIII, "Livro dos Acordos (1646-1652)", fl. 201.

15 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-I, "Livro 29 dos Acordos (1652-1663)", fl. 42.

fertilizar a quinta que passando pela nossa cerca nos deixa nella boa quantidade e da melhor que se recolhe em hum tanque para beneficio da orta e com estas, e outras, e muitas obras que o dito Prelado alli fez fica hoje aquelle sitio muito mais alegre e aprazível à vista. Athe aqui o autor no que toca ao nosso intento e ahi tocou as principais obras que fez o prelado em beneficio da fazenda e recreação; mas para melhor se entender o que diz, que lhe deixa na cerca do convento boa quantidade e da melhor agua, **advertimos que vem pelos mesmos arcos diversos aqueductos em canos que trazem agua de diversas fontes, e porque estas são de diversas qualidades entre si as mandou o dito prelado conduzir por diversos aquedutos porque senão confundissem as ditas qualidades** não quiz que o culpassem como aos que fizeram o chafariz das bravas que quasi junto a elle ajuntarão a agua de duas fontes que do alto descem por diversos aquedutos corrompendo a que era melhor, como ja falamos no 1º tomo; porem se Christo nosso Deus promete o Reyno dos Ceos a quem dá hum pucaro de agua, que gloria tera dado a quem fez tantos dispendios para satisfazer a sede de tantos, advertencia foy muito particular do agradecimento daquelles Religiosos e da grandeza e liberalidade deste Prelado.¹⁶

Mais trata de fazer D. Simão da Gama (arcebispo de Évora entre 1703 e 1715), metropolitano ao tempo do P. Manuel Fialho e que gostaria muito da quinta.

A este sitio e quinta pelo que nella tinha feito de recreação, se retirava algumas vezes o serenissimo D. Henrique. Levava-o lá não tanto o alegre do sitio quanto o gosto de ver o fruto do que plantara com sua disposição e com suas mãos animara (...) os desejos dos principes quasi sempre são eficazes: pôs mão à obra, e elle mesmo a traçou como hum dos melhores architectos de seu tempo. (...) ¹⁷.

Temos também evidência documental de que em fevereiro de 1703 o Cabido nomeou António Abreu para supervisionar as obras em Valverde (3 tostões cada dia)¹⁸ e decidiu o preço da braçada de parede em Valverde: três tostões a braçada, dando o Cabido

16 P. Manuel Fialho, T. II, 4ª parte, f. 427. Negrito nosso.

17 P. Manuel Fialho, T. IV. Para a questão do lazer e da recreação propiciados pelo elemento água cf. especialmente CARAPINHA, Aurora. (1995). *Da essência do jardim português*. [Texto policopiado]. Teses de doutoramento em Arquitectura Paisagista, Arte e Técnica da Paisagem. Universidade de Évora, [s.n.] Procurou-se no presente trabalho, de abordagem e reflexão multidisciplinares, analisar a importância do elemento água como recurso essencial à vida e as consequências da sua falta, iniciando-se pela identificação dos componentes do sistema hidráulico, fase preliminar da análise hidráulica do funcionamento de tal sistema. Só a partir do levantamento do cadastro desse sistema é possível passar à análise do seu comportamento hidráulico, revelador dos hábitos de vida coevos. Desenha-se assim uma próxima fase do trabalho, o levantamento geo-topográfico exaustivo do sistema (que aqui se procurou já aflorar) e a modelação hidráulica do mesmo, com determinação de capacidade de transporte e caminhos da água.

18 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-V, "Livro 33 dos Acordos (1689-1722)", fl. 79.

a pedra ¹⁹ . Consideram-se essenciais os elementos documentados acima para o entendimento do sistema hidráulico – entenda-se, do conjunto de componentes que transportavam e distribuíam a água.

Descrição da origem e circulação da água: lago, tanques, casa da água, fontes, canos, arcos e aqueduto²⁰

Figura 2 - O conjunto arquitectónico de Valverde e o percurso do aqueduto. Vista aérea



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Como já ficou assinalado, a quinta foi concebida para retiro dos arcebispos, num formoso vale, rodeado de verde (Valverde) junto a uma ribeira; a poente, fica a mata de Montemuro, a sul uma tapada. Conserva o conjunto o paço dos arcebispos, obra do Cardeal-rei D. Henrique, e o convento dos capuchos, com elegantíssima igreja renascentista, contíguo à quinta.

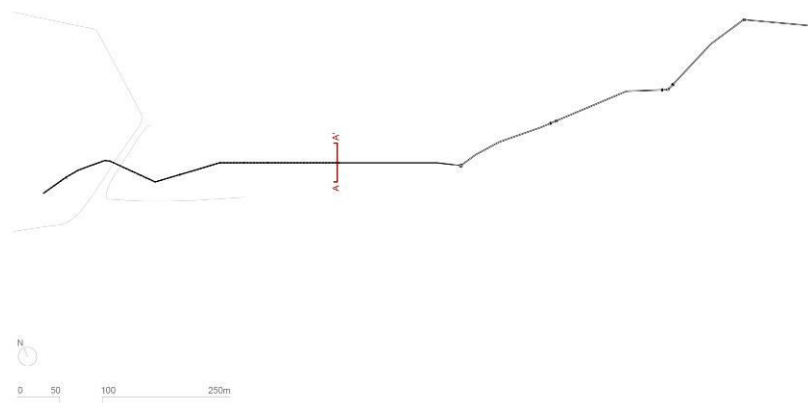
Por indicação do arcebispo D. Frei Domingos de Gusmão, o paço passou a contar com uma varanda que servia como passadiço para subir a um formoso tanque redondo, com fortes paredes, com 125 passos de circuito e 14 palmos de fundo e carga suficiente para transportar a água através dos canos e canais a jusante, tendo no meio uma coluna de quatro bicas, iniciativa também do citado arcebispo. Para este tanque, o maior de todo o complexo, a água é conduzida de várias fontes a mais de mil passos por aquedutos

19 Arquivo do Cabido da Sé de Évora, CEC 14-V, "Livro 33 dos Acordos (1689-1722)", fl. 79 v.

20 Descrição feita a partir de B.P.E., Fundo Manizola, Códice nº 71.

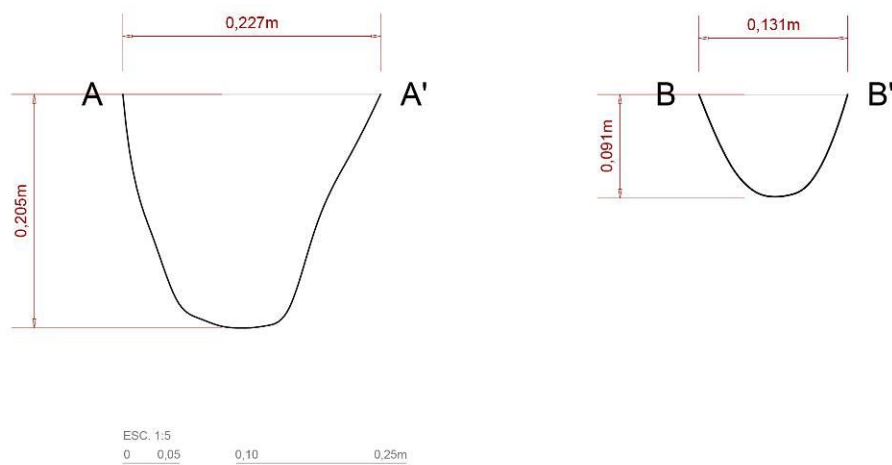
e arcos, alguns de cantaria. O transporte da água através do aqueduto fica assegurada pelo declive do canal no aqueduto (de 5‰ no trecho que contém a secção AA', Figura 3) e a secção transversal representada na Figura 4, a que corresponde a curva da capacidade de transporte (h/Q) representada na Figura 5 e a gama de velocidade de escoamento entre 0 m/s e 0,8m/s.

Figura 3 - Localização da secção AA' no troço do aqueduto exterior à Quinta do Paço de Valverde



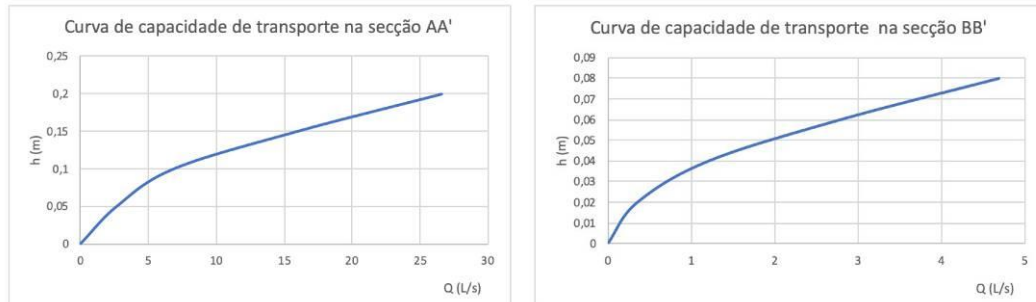
@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito), 2019

Figura 4 - Secções AA' e BB'



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito), 2019

Figura 5 - Curvas de capacidade de transporte de água (h/Q) nas secções AA' e BB'



@ICAAM (Madalena Moreira), 2019

Figura 6 -Tanque principal. Vista aérea



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Sobre o grosso da parede tem uma grande guarita onde se reparte a água para o lago e para o grande tanque que está próximo da guarita, e continua com um cano para dentro do grosso da parede, abastecendo uma pequena fonte numa das varandas do paço e descendo para o pátio, por canos de repuxo, abastece dois tanques, um no cimo do pátio e deste corre para outro mais abaixo, ao nível da terra, para nadarem gansos e patos.

Todo este conjunto num equilíbrio perfeito da carga hidráulica necessária para o aparecimento dos repuxos referidos. Continua até ao fundo do pátio, por uma fonte de mármore que está defronte da porta do Paço, com uma taça com o escudo das armas de D. Domingos de Gusmão, com 4 bicas e um tanque, e por cano subterrâneo vai regar o jardim interior do palácio.

Do tanque continua o aqueduto por arcos, deixando água num tanque que está num jardim fechado atrás das casas térreas, e vai por arcos colocar água num tanque com paredes altas, cheias de ervas verdes, que está sobre um grande edifício com abóbada a que chamam Casa de Água, dado ter uma nascente. Houve tempo em que a água para o tanque ia por sistema de nora. Corre atualmente um cano subterrâneo que vai ter a outro tanque que está no laranjal e fica contíguo à ribeira.

Figura 7 - Ligação do tanque principal à Casa de Água. Vista aérea



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Figura 8 - Tanque do Jardim de Jericó



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Figura 9 - Ligação do aqueduto à Casa da Água



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

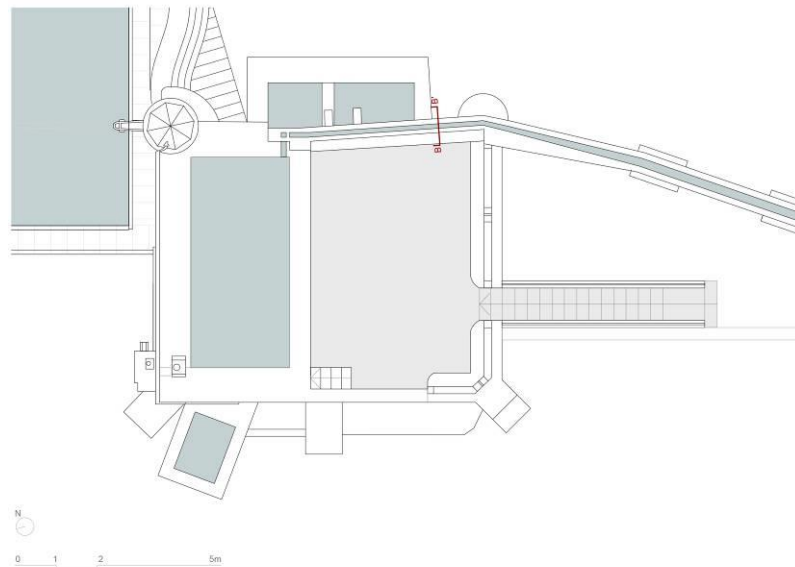
Figura 10 - Estado de conservação de alguns troços do aqueduto



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

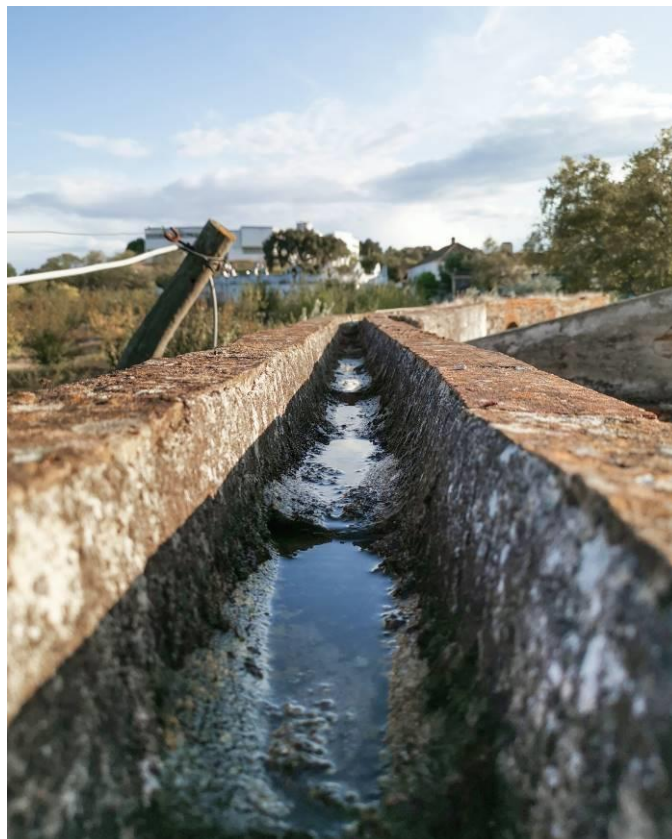
O aqueduto por arcos apresenta um canal que transporta a água até à Casa da Água com a secção transversal BB', localizada na Figura 11 e representada na Figura 3. Este canal tem um declive de 9,5% com a curva de capacidade de transporte (h/Q) representada na Figura 4 e com velocidades que podem chegar aos 0,7 m/s. No troço de chegada à Casa da Água são visíveis pequenos degraus, conseguidos com a mestria do encaixe das peças com que construíram o canal, para dissipação de energia, reduzindo a velocidade da água na chegada à Casa da Água, Figura 12.

Figura 11 - Localização da secção BB' no troço do aqueduto que conduziria a água do tanque redondo até à Casa da Água



@CIDEHUS-UÉ (Levantamento efetuado pelos serviços técnicos da Universidade de Évora.
Tratamento gráfico da autoria de Francisco Brito), 2019

Figura 12 - Trecho final do canal a de ligação do tanque principal à Casa de Água



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito), 2019

Do tanque sobre a Casa da Água a água desce para um repuxo de uma fonte situada num quadro de jardim que foi labirinto; junto da mesma casa está outro grande tanque, todo de cantaria, abastecido por uma nora que fica junto da porta da quinta que diz para a cidade, por onde entravam carruagens, por uma espaçosa rua cercada de altos freixos de um lado e outro; da porta até à Casa da Água são 400 passos, e mais 200 até à porta da quinta para o pátio.

Figura 13 - Tanque junto à Casa da Água



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Esta grande quinta, cruzada por várias ruas de arvoredos e latadas, dividindo as quadras em laranjais, vinhatarias, hortas e árvores de vários frutos, conserva ainda um poço largo de cantaria junto à parede da cerca dos religiosos, iniciativa do arcebispo D. Simão da Gama; o poço é servido por um engenho de nora que coloca a água nos arcos para suprir a falta dela em anos de seca.

Ao tempo dos religiosos, junto ao lago seguia uma rua larga, acompanhando ambas as partes duas calhas de tijolo para repartir a água do lago e do tanque que junto dele está para regar um quadro com grande laranjal da China que chegava à parede da cerca dos religiosos e se estendia pela rua dos freixos, e outro quadro paralelo com peras, ameixas de várias castas e maçãs, bem como outros dois com hortaliças.

Cruzava esta rua com a dos freixos e estendia-se até uma capela no centro da quinta, com abóbada, onde era venerada a imagem de S. João Batista no Deserto; paralelamente

a esta, a 40 passos, outra capela fundada sobre uma lagoa, dedicada a S. Teotónio; mais adiante a 15 passos, estão ruínas de umas capelinhas entre rochas (penhas), uma pequena e redonda, sem altar, com dois nichos à entrada, e a outra subterrânea, também redonda, com singular abóbada de concha. Fora da capela, entre rochas, se dá com uma rocha que tem sobre si um globo de pedra mármore, símbolo do mundo que se deixa quando se entra no deserto, obra também arruinada. A estas capelas faziam sombra loureiros e murtas, e a este local se chamava o *deserto*.

Figura 14 - Capela de S. João Baptista



A 200 passos da porta do paço ficava a porta de uma grande tapada com cerca de $\frac{3}{4}$ de légua em círculo, com muro alto; seguia à distância as margens da ribeira, cercando altos montes, onde se criavam rebanhos de corças e veados; tinha ruas entre os matos, e aí circulavam carruagens. Tinha uma fonte que corria todo o ano, e que, por um cano subterrâneo, surgia na quinta numa guarita de abóbada, com pia.

No claustro do convento conserva-se uma fonte de mármore, com um pequeno tanque, que abastecia a cozinha e que servia os religiosos, indo a que sobrava para a cisterna, de abóbada com vinte arcos, a nascente, que recolhia também a água da chuva vinda dos telhados. Nos dias de festa, era colocado um chuveiro na fonte, que espalhava água por todo o claustro. Tinha 14 pequenas celas, sendo 12 os religiosos.

Junto ao aqueduto dos arcos que atravessam a horta do convento está também um tanque que se enchia quando era necessário com água vinda dos canos, regando com ela a horta e o laranjal, tão antigo que ainda era chamado de *laranjeiras do Cardeal*. No pátio, contíguas à igreja, ficavam as hospedarias do convento, com escadas para poente²¹.

Esta descrição, baseada na documentação e nos relatos de inícios de Setecentos que vimos citando, procurou estabelecer um diálogo com o conjunto que hoje resta, e permite ainda destacar alguns elementos, além, naturalmente, da rede hidráulica, de que o aqueduto é o símbolo maior.

21 BPE, Fundo Manizola, Códice nº 71, peça 3.

Figura 15 - Convento do Bom Jesus de Valverde. Vista aérea



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Lembremos que, em Évora e nas proximidades da cidade, existia ainda um aqueduto que servia os frades dos Remédios, um de que ainda existem troços na cerca dos hieronimitas do Espinheiro, e dois em Vila Viçosa. No caso de Valverde, seu Paço e convento, muitas obras realizadas foram também em período de sede vacante (para o período estudado, entre 1608/10; 1633/1636; 1643/1648; 1655/1671; 1690; 1715/1741); na antiga Secretaria da Escola de Regentes Agrícolas, na galilé com quatro arcos redondos, está precisamente um fresco com as armas capitulares e as insígnias da sede

vacante. Além da presença exterior (no aqueduto), no interior do paço encontra-se também um armorial coroadado marmóreo de D. Domingos de Gusmão, cunhado de D. João IV (65*36); outro testemunho heráldico encontra-se numa das ermidas, a maior, com portado de mármore e com as armas do arcebispo D. João Coutinho (1636-1643).

Figura 16 - O convento do Bom Jesus de Valverde, o percurso do aqueduto e a ligação com o Engenho do Gato



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Figura 17 - Percurso do aqueduto



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Figura 18 - O Engenho do Gato e a sua ligação ao convento



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

O convento e o Paço de Valverde em inícios do século XX

Em 1901, na publicação periódica *O Passatempo*, o conjunto da Mitra (igreja, convento, paço, horta e jardins) era ainda descrito de forma sugestiva: o grande pátio apresentava olaias e paulonias, além de algumas lápides romanas, mas já com sinais de abandono que faziam perigar os hortejos viçosos e os jardins pitorescos, com cascatas e capelas, segundo linguagem da época.

Compreendia a propriedade terras de semear, montado e uma tapada para veados.

Nesta publicação, o leitor é alertado para o facto de terem voltado *as malignas*, e se alguém quisesse visitar Valverde deveria levar um frasco de água, pois a de lá tinha má fama.

Aquando da morte de Frei Manuel do Cenáculo (1814), o conjunto é descrito como tendo um Jardim ou Jericó, com grande lago redondo rodeado por gradaria de ferro, e outro mais pequeno contíguo, para o qual o paço tinha os portais. Estava situado numa herdade de terras de semear, com seu montado e algum olivedo, com Quinta e uma grande Tapada, toda murada e defesa, com alguns gamos e corças²². Efetivamente, em 1834, ano da extinção das Ordens religiosas, o convento, o paço e a cerca somariam um total de 268 hectares.

Depois de 1834 o conjunto edificado, as hortas e jardins ficaram isolados e ermos, tendo ainda o então arcebispo de Évora, D. Francisco da Mãe dos Homens Anes de Carvalho, tentado manter-lhe alguma vitalidade. Foi depois arrendado, as cascatas e o jardim ficaram ao abandono, e as capelas chegaram a albergar animais. É feita alusão, noutros escritos coevos, a diversas capelas nos jardins, onde havia esculturas e trabalhos importantes de cerâmica de fina execução, nomeadamente um apostolado completo de tamanho natural, segundo Gabriel Pereira, em que sabemos que a ordem capucha tanto se especializou (vejam-se os exemplos das Casas de capuchos em Vila Viçosa e Portalegre); na altura, quando o Autor visitou o local, já este conjunto estaria reduzido a cacos.

Considerações finais

A presente abordagem tem como tópico primacial a exploração de abordagens multidisciplinares (história, arquitectura, arqueologia, informática, engenharia hidráulica), numa lógica de potenciação dos recursos humanos da Universidade de Évora e dos seus Centros de Investigação, apostando nos jovens investigadores.

22 BPE, Fundo Manizola, Inventário a que se procedeu por falecimento do Arcebispo Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, cód. 57, fls. 68 v. e 69.

Esta abordagem apoiou-se, em termos metodológicos, na inventariação e análise de fontes e estudos já realizados sobre o conjunto arquitetónico em causa (Paço e convento de Valverde) e da sua envolvente paisagística, bem como no trabalho de campo de molde a estudar a complexidade do sistema hidráulico em presença, na perspectiva da salvaguarda e conservação do conjunto monumental e paisagístico.

Em termos de objectivos, e numa perspectiva de inventariação para uma mais completa conservação e salvaguarda do conjunto em causa, apostou-se ainda na divulgação das potencialidades deste conjunto arquitetónico e da sua envolvente paisagística, com o aqueduto como elo de (inter)ligação, bem como na promoção e criação de materiais pedagógicos potenciadores de uma utilização pedagógica deste espaço para públicos de diferentes perfis (como o flyer do Projecto *Acqua Viva* e a reconstituição a 3D do troço do aqueduto brasonado com as armas de D. Frei Domingos de Gusmão, produções abaixo apresentadas), baseados numa preocupação que percorre todo este trabalho: a da tomada de consciência da importância deste conjunto patrimonial classificado numa realidade em que a gestão da água é cada vez mais importante.

~

**Figura 19 - Reconstituição a 3D do troço do aqueduto com o brasão de armas de
D. Frei Domingos de Gusmão**
Material pedagógico produzido pela equipa



@CIDEHUS-UÉ (Francisco Brito, Sylvie Claro e Ivo Santos), 2017

Figura 20 - Flyer (frente e verso) de apresentação do projecto *Acqua Viva*



O Aqeduto da Mitra, 300 anos de História e Memória

Fundado pelo Cardeal D. Henrique em 1540, o Convento do Bom Jesus de Valverde foi classificado, em 1962, como Imóvel de Interesse Público, pelo Estado português. Em 2003, essa classificação foi alargada à Quinta e ao Paço (o Paço é anterior ao convento, iniciado em finais do século XV). Todo este processo decorreu em paralelo com o reconhecimento de uma zona especial de proteção a todo o conjunto.

Propriedade da Mitra eborense, ao arcebispo D. Frei Domingos de Gusmão (1678-1689) se devem grandes obras de renovação da Quinta e do Paço, nomeadamente em termos de estruturas hidráulicas. É nestas que se enquadra o aqeduto que, por isso mesmo, ostenta as suas armas.

O Aqeduto teve como finalidade melhorar a qualidade da água fornecida, tanto aos religiosos como aos ocupantes do Paço e aos serviços da Quinta, procurando beneficiar jardins, hortas e pomares, espaços de silêncio e meditação. Comportando diversos canos, com origem em pontos de captação distintos, o Aqeduto surge como coluna vertebral do sistema. É o eixo de várias estruturas anexas (Engenho do Gato, Casa da Água, tanques), de uma complexidade notável. Simboliza a importância da água neste conjunto patrimonial, hoje propriedade da Universidade de Évora, e com características únicas no contexto peninsular.

EQUIPA: Antónia Fialho Conde, Francisco Brito, Ivo Santos, Madalena Moreira, Olga Magalhães, Sylvie Claro



CIDEHUS

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

COFINANCIADO POR

COMPETE 2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

2020

Bibliografia

Fontes

CARDOSO, Luís. (1758). Freguesia de N^a Sr.^a da Tourega. *Memórias Paroquiais*. s/ed., s/p.

MONFORTE, Fr. Manuel. (1751). *Chronica da Província da Piedade*. (2^a ed.). Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa.

Biblioteca Pública de Évora (B.P.E.)

Fundo Manizola, Códice 71- peça 3.

Cód. CXXX/1-9; CXXX/1-11- Fialho, P. Manuel. *Evora Illustrada*. Tomos II, IV.

C. 10724 - Fonseca, P. Francisco da. (1728). *Pequena História da Herdade da Mitra. Évora Gloriosa*, p.4.

Arquivo do Cabido da Sé de Évora

CEC 13-XVI, *Livro das Lembranças (1609-1613)*.

CEC 13-XXVII, *Livro dos Acordos (1644 - 1659); (1646-1652), Livro 29 dos Acordos (1652-1663); Livro 31 dos Acordos (1667-1678); Livro 33 dos Acordos (1689-1722)*.

Estudos

BARATA, Filipe. T.; MASCARENHAS, José M. (2002). (Pref. Gonçalo Ribeiro Telles) *Preservando a memória do território: o Parque Cultural Tourega-Valverde*. Évora: Centro de Estudos de Ecossistemas Mediterrânicos.

CARAPINHA, Aurora. (1995). *Da Essência do jardim português*. [Texto policopiado]. Teses de doutoramento em Arquitectura Paisagista, Arte e Técnica da Paisagem. Universidade de Évora, [s.n.].

DOMINGOS, Rafael M. M. (1995). *Breve estudo histórico da Quinta do Paço de Valverde*. Trabalho de fim de Curso de Arquitectura Paisagista, Évora, Universidade de Évora.

ESPANCA, Túlio. (1965). *Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, Vol. 1.

MATOS ROSA A. (1965). *Pequena História da Herdade da Mitra*. Lisboa: Ed. Lavoura Portuguesa.

PATROCÍNIO Manuel F. S. (2006). A História do Passal e Convento da Mitra. *REVUE - Revista da Universidade de Évora*. 5, pp. 144-149, Évora.

PEREIRA, Sara M. (2006). Era uma vez na Mitra...Breve História da Escola de Regentes Agrícolas de Évora (1860-1974). *REVUE - Revista da Universidade de Évora*. 5, pp. 150-152, Évora.

PORTUGAL (1939). Escola de Regentes Agrícolas de Évora, (Decreto n.º 19908 de 15 de Junho de 1931).